



“NÓS ACOLHEMOS OS HOMOSSEXUAIS”: HOMOFOBIA PASTORAL E REGULAÇÃO DA SEXUALIDADE*

Marcelo Tavares Natividade**
Leandro de Oliveira***

Este artigo analisa a perspectiva de iniciativas religiosas sobre o cuidado pastoral junto a pessoas LGBT. ¹ O trabalho faz parte de um estudo

* O material que originou este artigo foi produzido no âmbito do projeto “Práticas religiosas e percepção sobre diversidade sexual entre católicos e evangélicos”, coordenado pelo prof. Luiz Fernando Dias Duarte, no NuSIM/Núcleo de pesquisa sobre Sujeito, Interação e Mudança (PPGAS/ MN/ UFRJ), financiado pelo Ministério da Saúde. Este subprojeto insere-se no escopo de uma ampla reflexão que vem sendo desenvolvida no Projeto Integrado Pessoa, Família e Ethos religioso. Contou-se também com apoio da Comissão de Cidadania e Reprodução e do Programa de Apoio a Pesquisas em Sexualidade e Saúde Reprodutiva (PROSARE), do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). A reflexão sobre o tema vem sendo alimentada a partir do Grupo de Estudos sobre Diversidade Sexual e Religião, abrigado, desde 2006, no PPGAS/ MN/ UFRJ. Participaram como colaboradores na pesquisa Igor Torres Oliveira Ferreira, Lucas Bilate, Luiz Rogério de Jesus Cardoso e Paulo Víctor Leite Lopes.

** Pós-doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ e investigador do Núcleo de Pesquisa Sujeito, Interação e Mudança, sediado no PPGAS/MN/UFRJ.

*** Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ e investigador do Núcleo de Pesquisa Sujeito, Interação e Mudança, sediado no PPGAS/MN/UFRJ.

1 A sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) passou a ser adotada pelos movimentos sociais de reivindicação de direitos e cidadania das minorias sexuais somente a partir da Primeira Conferência Nacional GLBT, em 2008. Isto assinala não somente as articulações políticas que tiveram curso no evento, mas também o caráter processual das identidades coletivas.

TOMO	São Cristóvão-SE	Nº 14	jan./jun. 2009
------	------------------	-------	----------------

abrangente sobre percepções e formas de atuação de cultos e igrejas, junto à diversidade sexual², privilegiando as vertentes católicas e evangélicas. A proposta metodológica envolveu uma triangulação entre dados coletados em monitoramento de sites da internet, etnografia e entrevistas com fiéis de igrejas e grupos evangélicos “inclusivos”³, egressos de congregações e igrejas cristãs ‘conservadoras’. Abordaremos em particular o conteúdo de sites de religiosos conservadores que desenvolvem estratégias de cuidado pastoral para pessoas LGBT, fazendo referência a algumas pistas fornecidas nos relatos de entrevistados sobre as dimensões desta ‘acolhida pastoral’. O artigo reflete sobre o discurso do ‘acolhimento’ para gays e lésbicas nas igrejas evangélicas como estratégia de regulação da sexualidade. O foco incide para as dinâmicas do

- 2 Os usos da expressão “diversidade sexual” como forma de se endereçar a populações “não heterossexuais” parecem ter acompanhado a difusão da categoria GLS no mercado brasileiro desde 1994, conforme examinado por França (2006). Recentemente, o termo vem sendo incorporado às ações do governo federal— dentre as quais a chamada para estudos sobre “violência” e “homofobia” , a qual concedeu apoio à pesquisa que conduzimos. No escopo deste trabalho, a categoria é empregada como ferramenta de análise, circunscrevendo formas de vivência da sexualidade que divergem da norma da heterossexualidade. Embora a expressão “diversidade sexual” possa parecer destituída de caráter político, ligada ao consumo e ao mercado “GLS”, sinaliza para efeitos políticos associados à crescente visibilidade de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Revela um potencial interessante como instrumento para reflexão, pois aponta inclusive para heterossexualidades dissidentes, como aquelas que podem emergir de estratégias de apresentação e processos de construção de si entre transexuais e travestis. É preciso ter em mente que embora a expressão tenha a pretensão de abranger certa pluralidade de experiências e modos de expressão da subjetividade, em seus usos sociais projetam-se novas zonas de sombra e novas marginalidades — excluindo, por exemplo, a “pedofilia”, a “zoofilia” e outras práticas carregadas de sentidos de transgressão.
- 3 Igrejas e grupos “inclusivos” constituem recente segmento religioso “cristão” voltado ao público LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). No Brasil, essas iniciativas tiveram início nos anos 1990, quando o pastor Nehemias Marien, da Igreja Presbiteriana Unida Bethesda (Rio de Janeiro) defendeu posicionamentos públicos favoráveis aos homossexuais e realizou cerimônias de bênção a casais do mesmo sexo. Em 2003, o surgimento da Igreja da Comunidade Metropolitana, abriu caminho para a formação de outras instituições religiosas direcionadas à população LGBT. Essas igrejas atualmente organizam-se em torno de uma postura de abertura para a diversidade sexual, nas quais lideranças identificam-se abertamente como gays e lésbicas, atuando ativamente na cooptação de fiéis LGBT. Uma parcela substantiva dos membros dessas igrejas, socializada em denominações pentecostais, encontra nesse ambiente religioso espaço para conciliar a experiência religiosa e orientação sexual (Natividade, 2008).

cuidado pastoral e para o modo como se articulam técnicas de direção espiritual e controle sobre o sexo⁴.

1. Universo da pesquisa

A pesquisa mais abrangente se dedicou a mapear posicionamentos e discursos de iniciativas religiosas que se dedicam ativamente a falar sobre diversidade sexual⁵. Procurou, paralelamente, resgatar conexões entre este discurso público e a experiência de sujeitos mais diretamente afetados pelos mesmos: pessoas que aderem a uma identidade LGBT e que têm 'passagens' por igrejas cristãs conservadoras⁶. Convém ressaltar o sentido em que empregamos a categoria "conservador", no âmbito do trabalho. As iniciativas que são assim classificadas se apresentam como defensores da *família* e dos *valores cristãos*, rechaçando mudanças socioculturais que supostamente promoveriam sua erosão. Em muitos casos, trata-se de redes interdenominacionais evangélicas em que

4 Este artigo é versão da comunicação apresentada no XIV Encontro Brasileiro de Sociologia: Consensos e Controvérsias, no GT "O fenômeno religioso", em 2009. Agradecemos, especialmente, aos coordenadores, Eduardo Gabriel (USP) e Péricles Andrade (UFS), pelos comentários e debates. Agradecimentos para Sergio Carrara, Adriana Vianna, Laura Moutinho, Júlio Simões, Regina Facchini e Isadora França, pela produtiva interlocução que temos estabelecido na pesquisa abrangente.

5 Esse estudo foi realizado pela Associação para Estudos e Pesquisa (ASEPA), com o apoio técnico e financeiro do Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde/ Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, por meio do Projeto de Cooperação Técnica Internacional AD/BRA/03/H34 firmado entre o Governo brasileiro e o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime - UNODC.

6. Na pesquisa ampla, foram monitorados cerca de 30 sites religiosos, além do site do Senado Federal. Destes 30 sites, 22 se alinham em perspectivas conservadoras sobre a diversidade sexual (18 evangélicos e 04 católicos). O tema do cuidado pastoral recebe atenção consideravelmente menor, nestes 18 sites analisados, em comparação a outras temáticas. Em termos de seus conteúdos, existe considerável atenção aos alertas sobre os supostos 'perigos' da expansão da visibilidade e direitos civis de pessoas LGBT. Outra ênfase presente é a insistente discussão sobre o tema das "causas" da homossexualidade, discussão articulada aos discursos sobre cura e restauro da heterossexualidade para gays e lésbicas. Foram realizadas ainda 35 entrevistas do tipo "história de vida" com gays, lésbicas e travestis evangélicos. A pesquisa procurou resgatar, por meio destas entrevistas, percepções da diversidade sexual e cenas de interação que sinalizassem para os efeitos do poder religioso sobre a vida destes sujeitos. As entrevistas foram gravadas em áudio e foi empregado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em conformidade com os protocolos éticos estabelecidos na resolução 196/96.

diferenças doutrinárias são postas de lado, que atraem inclusive a participação de alguns católicos conservadores. Um consenso relativo é suscitado por uma percepção dos ‘perigos’ encarnados na “ameaça homossexual”. É fato, contudo, que grupos religiosos que sustentam discursos de repúdio à diversidade sexual podem assumir posturas identificáveis como ‘modernas/ progressistas’ em torno de outros aspectos da vida. O uso que se faz aqui da expressão “conservador” não circunscreve uma característica ‘inerente’ a grupos religiosos, mas o posicionamento assumido por certos discursos religiosos, na tensão com o cenário cultural contemporâneo em que os direitos sexuais vêm sendo progressivamente reconhecidos como direitos humanos.

Na citada pesquisa, foi detectada, como vertente hegemônica nos discursos públicos sobre homossexualidade, formas mais ou menos explícitas de repúdio. Estas apresentam uma característica particular: a tendência a dissolver toda uma pluralidade de práticas, desejos, experiências e construções identitárias sob o rótulo de “pecado do homossexualismo”. Discursos de inspiração mais francamente pentecostal apresentam este “pecado” como fruto de influência ou possessão demoníaca. Paralelamente, há concepções que atribuem a “causa” da homossexualidade à socialização em famílias disfuncionais, experiências de abuso sexual vivenciadas na infância e à prática da pedofilia. É nítida uma preocupação intensa em discutir as supostas origens do desejo por pessoa do mesmo sexo. Outra frente de discursos problematiza a recente intensificação da visibilidade LGBT e as reivindicações por direitos de minorias sexuais, retratadas como uma “agressão” aos valores religiosos. Políticas públicas voltadas à população LGBT são percebidas como ameaça à “sociedade” e à “família cristã”, expressão de um “complô” que articularia o movimento gay, o Estado, e instâncias da sociedade civil. Os ideais de “sociedade” e “família” cultivados neste imaginário cristão são acionados para legitimar assimetrias de *status*, numa tentativa de suprimir as sexualidades dissidentes e fixar numa posição subordinada o lugar social das pessoas que as vivenciam.

Estes discursos de repúdio à homossexualidade não possuem fronteiras totalmente delimitadas entre si: podem emergir imbricados, em-

butidos uns dentro dos outros, ou conectados de diversas formas. Evocamos um exemplo pontual: um dos sites mais dedicados à oposição política aos direitos LGBT, o blog de um escritor evangélico, conta com um link intitulado "Quer sair do homossexualismo? Clique aqui!". O link conduz para o site do Ministério de Libertação Ágape e Reconciliação, presidido por Neuza Itioca, uma autora também evangélica que desenvolve trabalho voltado para a *restauração sexual* de fiéis. Estes discursos voltados ao acolhimento de homossexuais poderiam ser sintetizados na máxima "repudiamos o pecado, mas acolhemos o pecador". Os usos sociais deste enunciado, quando empregado para falar do "pecado" do "homossexualismo", articulam-se ao emaranhado heterogêneo de discursos e práticas que tomamos como foco desta análise.

2. Homofobia (s) no plural

Dialogando com uma produção que vem sendo desenvolvida nas ciências sociais, o artigo sugere que seria mais interessante falar em "homofobias", no plural, ao invés do singular. Ou seja, que existem múltiplas formas de preconceito e discriminação que atingem a diversidade sexual⁷. Sob uma perspectiva sociológica, estas ensejam a produção de assimetrias sociais, desigualdades de oportunidades, diferenças de status, obstrução de direitos, estereótipos negativos e processos de estigmatização (Natividade e Oliveira, 2009; Natividade, 2009). Discutindo de perto com esta abordagem, entende-se a *homofobia religiosa* como um conjunto muito heterogêneo de práticas e discursos baseados em valores

7 Existe uma demanda no interior dos movimentos sociais pela adoção de termos mais específicos na compreensão das formas de exclusão vividas por pessoas que aderem a distintas identidades de gênero e orientações sexuais. Além de homofobia, seria preciso operar com noções capazes de "apreenderem" as violências específicas associadas às múltiplas expressões da diversidade sexual: por exemplo, a "transfobia" e a "lesbofobia". É inegável a importância do cruzamento entre distintos marcadores sociais na produção de tais assimetrias - a discriminação por orientação sexual pode estar intimamente imbricada a outras formas de exclusão, associadas, por exemplo, a gênero e classe social. Entendemos, contudo, que estas distintas formas de repúdio à diversidade sexual podem (sob uma perspectiva analítica) ser aproximadas, na medida em que correspondem a reações de oposição a orientações sexuais e a identidades de gênero que divergem da norma heterossexual.

religiosos. Este conjunto de práticas opera por meio de táticas plurais de desqualificação e controle da homossexualidade. A *homofobia religiosa* não se manifesta somente ao nível de percepções e juízos morais pessoais ou coletivos, mas envolve formas de *atuação* em oposição à visibilidade e reconhecimento de minorias sexuais. É conveniente estabelecer uma distinção analítica, entre um uso de discursos religiosos na esfera pública que é voltado mais diretamente à obstrução de direitos LGBT, e formas de homofobia religiosa que se dão na esfera do cuidado pastoral, na interação entre lideranças e fiéis ou no controle mútuo que os fiéis estabelecem entre si. Esta *homofobia pastoral* se revela nos relatos de gays, lésbicas e travestis com passagem por religiões cristãs, assim como em alguns documentos produzidos como guias ou exemplos normativos para a conduta dos fiéis e as atividades pastorais, podendo manifestar-se explicitamente ou de formas mais sutis. O que confere uma relativa unidade a esta ampla malha de regulações é que tais discursos procuram extrair sua autoridade de fundamentos cosmológicos e interpretações do texto bíblico.

Já na década de 1990, a pesquisa *Novo Nascimento* sinalizava para existência de posturas de *acolhimento* entre evangélicos, destacando que estas não deveriam ser interpretadas de forma ingênua, como expressão de ‘aceitação’ à homossexualidade, mas como parte de dinâmicas de cuidado pastoral que precisavam ser investigadas (Fernandes, 1998). A acolhida aos “pecadores” nas igrejas e cultos evangélicos deve ser interpretada como almejando sua *transformação* (Natividade e Oliveira, 2007). Gays, lésbicas e travestis são recebidos em grupos religiosos visando sua sujeição a um projeto de regeneração moral. O sujeito é submetido a rituais de purificação que, em última instância, reforçam o estigma que incide sobre pessoas que aderem a identidades e práticas homossexuais. A cosmologia ensina que os corpos de gays e lésbicas são repletos de entidades malignas e legiões de demônios. A expulsão destes seres “sobrenaturais” possibilitaria a emergência do desejo heterossexual, considerado a única expressão “natural” da sexualidade (Natividade, 2008). As definições de pureza e impureza presentes nos cultos endossam o código de santidade, segundo o qual ser homossexual é incompatível com a vida religiosa. O projeto de regeneração se completa com a prescrição do casamento e constituição de uma família (‘esposa’ e prole, para homens gays e ‘marido’ e filhos, para mulheres lésbicas).

O testemunho dos ex-gays exemplifica bem este tipo de estratégia de regulação que recorre à desqualificação da homossexualidade. O “ex-homossexual” é retratado como uma pessoa que alcançou um *status* de superioridade moral com relação aos praticantes do “pecado” do “homossexualismo”. Este discurso reitera a inferioridade das pessoas que ‘permanecem’ homossexuais. Todas as falas sobre “mudança de orientação sexual” incorporam essa valoração negativa das homossexualidades e bissexualidades: ninguém cogitaria promover rituais espirituais ou terapêuticos pra transformar um heterossexual em homossexual. Tais textos são, ao mesmo tempo, modelos de conduta e documentos que fornecem pistas sobre dinâmicas de cuidado pastoral. Os testemunhos são considerados prova do poder de Deus, que deveria inspirar outros “pecadores” a aderir ao projeto religioso. Paralelamente, são narrativas que remetem a um momento ‘crítico’ na vida do sujeito, em que este é *acolhido* em um grupo religioso e inicia sua jornada de transformação. Convém frisar a atenção especial que é concedida à homossexualidade dentre os demais “pecados sexuais” (Natividade, 2008). Embora a masturbação, as fantasias sexuais, o sexo antes do casamento, a infidelidade, sejam tidos como pecados, não proliferam grupos de ajuda voltados para ‘masturbadores’, nem tampouco organizações que ofereçam ‘ajuda’ para evitar fantasias (hetero) sexuais. Há uma *cruzada moral* (Becker, 2008) dirigida contra gays, lésbicas e outros sujeitos sociais que ameaçam a crença na naturalidade e na universalidade da norma heterossexual. Parte dos relatos coletados em entrevista evidencia aspectos destes modos de regulação e sujeição.

3. Aceitar *no truque*: recrutamento de fiéis e regulação da sexualidade

Um dos sujeitos entrevistados na pesquisa rememora, no resgate de sua história de vida, experiências e situações vividas em redes religiosas. Este jovem de 22 anos, a quem chamaremos Evandro, é oriundo de segmentos de camadas populares. Durante a infância e adolescência, residiu com seus pais em um bairro localizado na periferia de São Paulo, marcado por forte atuação evangélica, com a existência de inúmeras igre-

jas na vizinhança. Por volta dos 16 anos de idade, vivenciava conflitos pela tensão entre a atração por pessoas do mesmo sexo e o interdito religioso às práticas homossexuais. Um “escândalo” envolvendo a publicização de sua orientação sexual fez com que fosse expulso da comunidade pentecostal da qual era membro. Alguns anos mais tarde, é insistentemente convidado por uma colega de trabalho evangélica a visitar sua igreja. Esta colega, sabendo que Evandro era gay, afirmava que em sua igreja os homossexuais eram “aceitos”. Embora reticente, o jovem decide conhecer a igreja. Reproduzimos abaixo o trecho em que entrevistador e informante conversam sobre a interação que este último teve com o pastor dessa igreja, externando sua percepção pessoal da estratégia de recepção e incorporação de homossexuais adotada neste grupo religioso:

Evandro: Mesmo eles sabendo que eu era gay eles me abraçaram, me receberam com aquele carinho, né? (...) Eu conversei com o pastor e falei “pastor, eu sou gay. Se você quer que eu venha, eu venho, mas eu sou gay”. E o pastor, ainda que no truque, me falou “ah, não, a gente aceita, pode vir, você é amado”. Aí eu “ah, ta bom, né”. Aí eu ainda.

Entrevistador: No truque?

Evandro: No truque! Eles falam que aceitam, mas, por debaixo do pano mesmo, não aceitam. Eu ainda perguntei “vocês casam? Se eu arrumar um namorado vocês vão me casar?”. E o pastor disse “não”.

Aí eu falei: “ah, então é assim que vocês aceitam?”.

“Aceitar”, no uso que o entrevistado faz desta categoria, corresponderia a ‘acolher’ sem prescrever mudança de orientação sexual. O emprego por Evandro da expressão “no truque” para qualificar esta ‘aceitação’ conservadora sinaliza para sua percepção desta como uma espécie de ‘farsa’ ou ‘engodo’. Sob um ponto de vista analítico, esta estratégia de recrutamento é reveladora de um dispositivo atuante nestas redes religiosas, voltado para a captura e supressão de diferenças na esfera da orientação sexual. Dissociando a “prática” homossexual das identidades pessoais, estes discursos procuram conciliar o princípio do ‘amor ao próximo’ com uma atitude radical de repúdio à diferença.

Argumentos religiosos plurais e heterogêneos podem ser alinhados em torno desta rejeição e desqualificação das dissidências da norma heterossexual. Um material bastante interessante localizado na internet – que oferece pistas adicionais para esta reflexão – são registros de *interação virtual*. Particularmente reveladores, tais materiais apontam simultaneamente para discursos que podem ser acionados nas interações face a face e para um alcance que extrapola os limites das congregações e comunidades locais.

Na página da Igreja da Graça, enunciados acerca da homossexualidade foram localizados na seção “Missionário Responde”, em que o internauta pode postar questões cujas respostas são assinadas por R.R. Soares, pastor e líder da denominação. Esta igreja não se dedica, como certas iniciativas evangélicas, a produzir e divulgar intensamente textos sobre o *homossexualismo* na internet⁸. Contudo, interpelados por fiéis em sessões de ‘aconselhamento virtual’, produzem um discurso que coloca em evidência os significados atribuídos a estas práticas e identidades sexuais.

O suposto caráter pecaminoso do *homossexualismo* é reiterado em todas as respostas, com ênfases e nuances distintas caso a caso. Em uma das perguntas, uma fiel se questiona se a homossexualidade poderia ser uma “doença” ou “maldição de geração em geração”. Justifica sua dúvida observando que seu filho e sua irmã caçula são homossexuais. Em resposta, o missionário afirma que o *homossexualismo* não se trata de “doença” nem “maldição”, mas de “pecado”: uma prática que demanda ‘arrepentimento’ e a ‘entrega’ da própria vida a Jesus, “cujo poder transforma todo aquele que n’ Ele crê”. O desejo homossexual, por outro lado, poderia ser fruto de “possessão demoníaca”, sendo necessária uma intervenção ritual que visa expurgá-lo do sujeito: “Há muitos casos em que o desejo homossexual vem da possessão demoníaca e, nesse caso, a pessoa precisa de libertação. O importante é buscar ajuda”.

8 Localizamos oito questões, de autoria anônima, que abordavam o tema da homossexualidade. Explorando a formulação das perguntas e respostas apresentadas no site, foi possível apreender algumas das perspectivas e abordagens da diversidade sexual acionadas nesta denominação.

“Arrepende-se” é um passo necessário, mas não suficiente, para a “conversão” – na medida em que forças sobrenaturais (malignas) que sobrepujam o livre-arbítrio podem estar atuando, motivando o comportamento pecaminoso. O tema da possessão reaparece em outras das respostas fornecidas no site. Um caso particularmente transparente de discurso de repúdio ocorre ante as inquietações externadas por um homem de 54 anos, que relata ser homossexual desde os dez anos de idade, tendo se tornado soropositivo aos 40. O sujeito, apresentando-se como associado do programa do Missionário, afirma que embora deseje *libertar-se*, não possui *forças* para tanto, necessitando de *ajuda*. Em resposta, o missionário atribui à atuação do demônio a origem do desejo homossexual experimentado pelo sujeito, recomendando a este que se submeta aos rituais de *libertação* oferecidos por sua denominação:

Realmente, antes de mais nada, você precisa de libertação. Esse desejo por alguém do mesmo sexo é resultado da ação nefasta de demônios em sua vida. Nos momentos de lucidez, você até deseja converter-se e mudar de vida, mas os espíritos satânicos que ainda dominam você impedem-no de tomar posição ao lado de Cristo. Procure, com a máxima urgência, uma de nossas igrejas e exponha seu problema ao pastor, pois ele saberá o que fazer (R.R. Soares).

Algumas questões apresentam dúvidas e pedidos de orientação formulados por fiéis que possuem relações de parentesco ou amizade com homossexuais. As respostas apresentam algumas nuances, mas tendem, nestes casos, a estar em sintonia com a máxima ‘amar o pecador e repudiar o pecado’:

A Bíblia diz que devemos amar a todos indistintamente e a todos compartilhar o Evangelho do Senhor Jesus. Naturalmente, isso não significa de jeito nenhum aceitar ou endossar o comportamento de quem anda fora da Palavra, seja o pecado que for. A estratégia para ganhá-los é (...) estar sempre disponível para testemunhar do poder de Deus, quando a pessoa der oportunidade.

Uma destas respostas oferecidas pelo site permite antever a perspectiva regulatória que incide sobre pessoas que vivenciaram o homossexualismo e que ingressam na igreja. A questão formulada por uma fiel recém-convertida gira em torno da "salvação" dos praticantes do *homossexualismo*. Esta relata conhecer um homossexual que, tendo se convertido, "ministrava a Palavra" em sua congregação, mas que após algum tempo "voltou ao homossexualismo e foi morar com um rapaz". A fiel, então, indaga se um "crente salvo" pode "perder a salvação" ao retomar a prática do pecado.

A resposta, ligeiramente ambígua, cita uma passagem bíblica sobre aqueles que, embora tendo manifestado "dons do espírito" não estavam salvos, por praticarem a "iniquidade". Observa ainda que "é trágica a situação de quem se liberta do pecado e, depois, volta a praticá-lo (...) o cão voltou ao seu próprio vômito; a porca lavada, ao espojadouro da lama". Como esta passagem sugere, ex-homossexuais parecem estar particularmente sujeitos à reprovação e condenação eterna caso abandonem o projeto religioso de regeneração moral.

O conjunto dos aconselhamentos aqui referidos endossa a noção da homossexualidade como "pecado", atribuindo a esta o caráter de prática moralmente condenável que enseja conversão, arrependimento e purificação. Na análise destes discursos é possível identificar argumentos forjados no interior de doutrinas religiosas e acionados em uma *reinvenção* do interdito à homossexualidade. Estes enunciados devem ser encarados como *performativos*: atos que produzem, simultaneamente, o sujeito da fala e o objeto do enunciado⁹. Enunciar, por exemplo, que o "homossexualismo é uma abominação" implica defender a existência, a inteligibilidade e a materialidade de uma posição de pureza externa ao *homossexualismo*, ocupada exclusivamente pela heterossexualidade. Se-

9 AUSTIN (1990) argumenta que a fala não apenas comunica sentidos, mas em certos contextos produz efeitos, correspondendo a um tipo de ação dotada de conseqüências na vida social. Judith Butler (1993), em uma obra que impactou fortemente o campo de estudos em gênero e sexualidade nos anos 1990, incorpora a discussão de Austin a uma proposta de tomar "sexo" e "gênero" como constituídos em práticas discursivas. Sob esta perspectiva, a distinção entre "sujeito" e "objeto" da fala elide os processos pelos quais o "sujeito" é constituído (que pretendem distingui-lo do objeto sobre o qual fala) e a relacionalidade que entrelaça a ambos.

guindo esta lógica, textos bíblicos são usualmente empregados para reiterar a vinculação entre homossexualidade e “pecado”, recorrendo a interpretações da Palavra que se pretendem literalistas¹⁰.

Para além deste endosso do caráter pecaminoso da prática homossexual, a “acolhida” deve ser interpretada em termos dos efeitos que enseja nas esferas pública e privada. O *acolhimento* aos homossexuais é a face mais solar de uma estratégia política higienista, agenciada no plano das micro-relações cotidianas, que não atinge os sujeitos diretamente com a ameaça da violência física, mas antagoniza e desqualifica sexualidades consideradas indesejáveis. Esta forma de *homofobia pastoral* apresenta a desqualificação e o expurgar da diferença como uma atitude ativa de cuidado e zelo para com o outro, consonante com a ética cristã. Diferente, deste modo, das formas de homofobia que se expressam por meio da

10 No conjunto dos sites analisados, a oposição aos direitos de gays e lésbicas é percebida nos termos da tensão entre a “Lei de Deus” e a “Lei dos homens”. A conhecida passagem de *Sodoma e Gomorra*, localizada em Gênesis – capítulo um, a partir do versículo dezenove – é possivelmente a mais citada. Conforme a leitura conservadora desta passagem, a Cidade de Sodoma teria sido destruída em consequência do “pecado” do “homossexualismo”: a casa de Ló, sobrinho do patriarca Abraão, é invadida por “varões daquela cidade” que exigem manter relações sexuais com dois anjos do Senhor, que se encontravam ali hospedados. Deus teria destruído a cidade de Sodoma em decorrência da prática deste pecado, e desde então enviaria pestes, epidemias e morte de modo a dizimar homossexuais, nações idólatras e outros pecadores. A citação do livro de Levítico é também recorrente. Os versículos dezenove a trinta tratam das uniões “abomináveis”. O versículo vinte e dois, especificamente, instruiria que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui uma abominação, visto que Deus reprovava o comportamento de “varão que se deita com outro varão”, “como se fosse mulher”. De acordo com esta interpretação da “Lei de Deus”, relações sexuais consideradas legítimas e não-condenáveis só podiam se dar entre pessoas de sexos opostos. As passagens de Romanos, capítulo um, e a Primeira Epístola aos Coríntios aparecem também para legitimar este ponto de vista. A primeira compreende uma exortação do apóstolo Paulo – Romanos, capítulo um, versículos vinte seis até vinte sete – contra as “paixões infames”. Ato sexual divergentes da heterossexualidade constituiriam uso “antinatural” do corpo. Homens e mulheres que se deitam com pessoas do mesmo sexo cometeriam “torpeza”, estando sujeitos ao “castigo” de Deus. Já a passagem da Primeira Epístola aos Coríntios, conforme esta visão, afirma que “efeminados” e “sodomitas”, do mesmo modo que “ladrões”, “avarentos” e “prostitutas”, não teriam acesso ao “Reino de Deus”. Este trecho, em particular, é usado como prova de que gays e lésbicas estariam destinados à “danação eterna”. Tais passagens bíblicas constituem justificações religiosas para o interdito da homossexualidade, nesse contexto, imbricadas a códigos de santidade e definições rituais de estados de pureza e impureza. A prática homossexual é referida como ato que polui o corpo que, em estado de sujeira, não pode receber o Espírito Santo (Natividade, 2003).

agressão física e verbal: operando através de um reforço e exagero da norma heterossexual, seu efeito mais imediato é uma proliferação e intensificação de discursos e práticas regulatórias que incidem sobre a diversidade sexual. Discursos semelhantes são sustentados por diversos dos ditos "ministérios" de "ajuda" para "sair da homossexualidade".

4. Testemunhos e redes de ajuda mútua: estratégias de supressão da diferença

O *Grupo de Amigos* (Niterói, Rio de Janeiro), o *Grupo Êxodus Brasil* (Belo Horizonte) e o *Movimento pela sexualidade sadia* (Rio de Janeiro) apresentam-se como *ministérios de ajuda* para "aconselhar pessoas que vivem conflitos homossexuais", "seus familiares e cônjuges". Estas iniciativas religiosas promovem palestras, encontros, retiros, jornadas, treinamentos, "capacitação", participando de congressos cristãos e laicos, em diferentes unidades da Federação. Suas lideranças atuam na obstrução de direitos aos LGBT, através da participação em fóruns políticos e Plenárias do processo legislativo. O conteúdo desses sites explora longamente o tema da homossexualidade, recomendando atitudes de *acolhimento* para pessoas que vivenciam este 'problema'. A *ABRACEH* (Rio de Janeiro) veiculava até um tempo atrás conteúdos de semelhante teor, mas representa um caso particularmente peculiar, por ter modificado sua estratégia de apresentação ao longo dos últimos anos. Inicialmente identificada como "Associação brasileira de apoio aos que desejam deixar a homossexualidade", passou a reclamar o estatuto de "associação civil", "sem fins lucrativos", de Organização Não-Governamental de apoio à infância e adolescência, adotando o nome de "Associação de Apoio ao Ser Humano e a Família". Esta entidade define como parte de seus objetivos promover assistência social e serviços de apoio para "aqueles que desejam voluntariamente deixar a homossexualidade" e "outros transtornos sexuais", "priorizando as crianças e os adolescentes em situação de risco social, especialmente aqueles vitimados pelo abuso e exploração sexual". O estatuto da organização faz uma menção ao objetivo de criar, implementar e desenvolver "programas de prevenção primária" que incluem a "prevenção" da homossexualidade, além da realização de pro-

jetos de apoio a portadores de HIV/AIDS, alcoolismo e dependência química. Outro objetivo do grupo, referido neste mesmo documento, é “mobilizar” em “nível nacional”, um “movimento de conscientização e ação”, visando “a garantia do direito de apoiar aos que voluntariamente desejam deixar a homossexualidade e outros transtornos/disfunções sexuais (...) junto aos poderes Legislativo, Executivo, Judiciário e Ministério Público”. Como transparece nesta passagem, a perspectiva de atuação do grupo contempla um trabalho de pressão política visando salvaguarda ou mesmo obtenção de suporte para as atividades de “apoio” exercidas pela associação. Diversos links para artigos que operavam com associações entre a “homossexualidade” e o “abuso sexual” foram removidos do site, na transição entre esta proposta de “apoio” a adultos que almejassem “voluntariamente” deixar a homossexualidade e estratégias de “prevenção” e “proteção” com crianças e adolescentes. Temos nos questionado se esta mudança de estratégia não poderia estar relacionada com as recentes discussões sobre criminalização da homofobia¹¹.

A educação e formação das “crianças” é tema bastante evocado, de formas mais ou menos diretas, nos discursos religiosos sobre *homossexualismo*. Como já foi dito, no universo evangélico, apelos a conversão de gays e lésbicas são acompanhados de exortações morais sobre a necessidade de casar e constituir uma família cristã. Por outro lado, revelam uma preocupação com as “inversões do gênero”. Natividade (2008; 2003) sugere que um conjunto de medidas corretivas evidencia a existência de pedagogias do gênero. Dentre estas, destaca que, em alguns discursos, aprender a jogar futebol é atividade essencial para homens gays obterem restauo da heterossexualidade. Do mesmo modo, mulheres lésbicas podem ser incentivadas no aprendizado de atividades femininas como cozinhar, lavar, passar, exercitando os atributos considerados ‘naturalmente’ femininos, do cuidado e da docilidade. O autor conclui que, em perspectivas pastorais evangélicas, é premente a necessidade de tornar certos homens mais masculinos e certas mulheres mais femininas. Nos

11 Sobre a atuação dos evangélicos na obstrução dos direitos LGBT, em especial, na oposição à tramitação no Senado Federal do PLC-122/2006 que visa equiparar os crimes de orientação sexual aos crimes de raça, gênero e sexo, ver Natividade, 2008; Natividade, 2008b; Natividade e Lopes, 2009; Natividade e Oliveira, 2009.

discursos sobre o *homossexualismo*, a infância é retratada como valor a ser protegido da 'corrupção' que a diversidade sexual e de gênero representaria – manifestações da diversidade deveriam ser detectadas desde a mais tenra idade, corrigidas e apagadas no ponto de sua emergência.

O tema da 'mudança na orientação sexual' é recorrentemente formulado sob a perspectiva de relatos em primeira pessoa, narrativas biográficas denominadas *testemunhos*. Estes devem ser encarados não como expressão inequívoca da experiência dos sujeitos, mas como *performances* encenadas para uma platéia. O testemunho congregacional é uma experiência compartilhada, cuja ênfase na transformação pessoal produz sentimentos de identificação na audiência (Mafra, 2002). O testemunho 'virtual', publicizado via internet, pode a princípio parecer muito distinto deste primeiro. Contudo, os depoimentos mediados por um veículo de comunicação - neste caso difundidos pela *web* – visam o mesmo efeito daqueles que se dão em situação de presença física imediata: representam uma "prova" da ação de Deus na vida das pessoas. O que está em jogo, tanto nos relatos 'virtuais' quanto naqueles proferidos face a face em um culto religioso, é uma ênfase na *transformação* exercida pelo poder divino. Trata-se de narrativas que devem ser examinadas tendo em vista sua eficácia potencial, enquanto discursos que carregam um ensinamento moral (Natividade e Gomes, 2006) e que pode tomar parte em pedagogias da sexualidade. Os testemunhos podem ser examinados ainda como documentos que evidenciam a incorporação da *homofobia religiosa* pelos próprios sujeitos, remetendo às convenções culturais que esta mobiliza e aos mecanismos sociológicos por meio das quais se exerce. Estes textos são, recorrentemente, apresentados em sites de ministérios de 'apoio' para 'sair da homossexualidade', expressando estratégias de uso de um mapa cultural voltado para um enquadramento de formas de sexualidade que divergem da norma heterossexual.

Um testemunho publicado no site do grupo *Êxodus Brasil*, intitulado "tocando o intocável: uma história sobre a AIDS" é exemplar deste estilo de narrativa. Relatando sua vida pregressa, o autor deste depoimento anônimo associa a vivência da homossexualidade ao risco de infecção pelo HIV, referindo-se ao vírus, metaforicamente, como um "machado"

prestes a retirar sua vida. Por oposição, o momento atual de sua vida é caracterizado pela conversão religiosa, pelo casamento heterossexual e constituição de descendência.

No site do MOSES, apresenta-se o testemunho de uma ex-lésbica, que exerceu a homossexualidade por 17 anos. Depois de convertida, abandona esta prática e torna-se coordenadora de ministérios de evangelismo. Neste texto, a homossexualidade é colocada lado a lado com outras atividades consideradas nocivas, como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e cigarros. Embora a narrativa faça alusão a sentimentos de “vazio”, vivenciados no período anterior à conversão, a fiel ressalta que percebia, então, sua frequência a “bares, boates e festas gays” como uma atividade “boa”. Observa, contudo, que “o diabo cega nosso entendimento”, e em retrospectiva considera equivocado este julgamento sobre a sociabilidade gay. Afirma que esta percepção positiva da orientação homossexual se tratava de um “engano”: “Eu achava que Jesus entenderia que eu era boa, que não fazia mal a ninguém e que era de uma boa família. Dessa forma eu me enganava e não sabia”. Pedia “ajuda” a Deus, para que ele a tirasse dessa “vida de homossexualismo e alcoolismo”. Após a experiência de conversão, conversa com sua companheira – a mulher que era seu “caso” – afirmando que tinha tornado-se *crente*, e que a partir daquele dia seriam apenas “amigas”. A ex-companheira, seis meses depois, se converte também à religião evangélica, “tocada” pelo testemunho da primeira. A fiel afirma que, hoje, sente-se “lavada, santificada e justificada em nome do Senhor”, sugerindo implicitamente que teria alcançado um estado de pureza ao deixar de praticar o “homossexualismo” e o “alcoolismo”. Observa ainda que ser “aceita” na igreja, sem ser alvo de “preconceito” no início da conversão, foi importante para que pudesse ser “disciplada” na palavra de Deus.

O texto “A história de James”, localizado no site do *Exodus Brasil* apresenta o testemunho de um ex-homossexual marcado pelo “divórcio dos pais”, “abuso sexual” e o “péssimo relacionamento” com seu genitor. A narrativa de James é expressiva do aprendizado, na juventude, do estigma que incide sobre a homossexualidade: “Eu não escolhi ter sentimentos e desejos homossexuais (...) Cheio de medo e vergonha, eu os escondi por anos. Sentia o medo de ser rejeitado, e também a vergonha de sentir-me diferente de outras pessoas”. O autor percebia uma tensão e incompatibilidade entre o exer-

cício de uma identidade cristã e a orientação sexual homossexual, referindo implicitamente à homossexualidade como uma “fraqueza” contrastada a “relacionamentos saudáveis”. Dividido entre “entrar de cabeça no estilo de vida homossexual” ou “cometer suicídio”, encontra apoio em um ministério de ajuda evangélico. Embora não tenha experimentado uma “cura da homossexualidade”, James afirma estar obtendo “cura” para “feridas emocionais” que desencadeavam seu “comportamento homossexual”. Ao invés de ser “controlado” ou “definido” por “vícios”, “compulsões” e “sentimentos”, hoje experimenta a “verdadeira liberdade” na “opção diária” de “dar e receber a Graça de Deus”.

Esta concepção de “liberdade” é consoante com o *ethos* pentecostal, examinado por Mariz (1994), no qual a autonomia individual é construída na submissão a Deus. Ser livre, sob tal perspectiva, não é seguir os desejos pessoais, mas submeter-se à vontade divina: é nesta relação complexa entre determinação e autonomia que se constrói o sentido de liberdade para os pentecostais. No testemunho acima citado, há uma articulação direta entre esta concepção de liberdade e o discurso sobre si. O texto expressa uma percepção da orientação homossexual como condutas, impulsos e sensações involuntários que não apenas ‘controlariam’ mas também *definiriam* o sujeito. A experiência paradoxal de “liberdade”, obtida na Graça de Deus com o aconselhamento e apoio em redes religiosas evangélicas, possibilita a James questionar o lugar da orientação homossexual como fonte para o sentido de si, atitude percebida como o exercício de uma escolha ativa. A submissão ao modelo religioso de regulação da sexualidade é apresentada, deste modo, como forma de exercício do livre arbítrio. Tal noção de liberdade é uma das engrenagens que podem ser acionadas nas dinâmicas da homofobia pastoral.

Outra peça fundamental neste dispositivo é o proselitismo, a missão de levar a Palavra e a esperança da salvação a outros pecadores. Examinemos a narrativa autobiográfica publicizada na Internet por um ex-homossexual, coordenador de um ministério de ajuda. JLS relata que viveu a homossexualidade desde a infância, tendo experimentado a libertação da homossexualidade ao receber uma revelação de Deus. O testemunho inicia de forma bastante singular, fazendo alusão a uma “conspiração uni-

versal a favor do homossexualismo”, promovida pela “militância gay” e pela mídia, visando promover uma visão positiva da homossexualidade. Menciona o crescimento e a letalidade da epidemia de HIV na contemporaneidade, implicitamente conectados ao aumento do reconhecimento e visibilidade LGBT. JLS afirma que a igreja tem a obrigação de alertar contra “as terríveis conseqüências físicas, emocionais e espirituais” que assolarão aqueles que “insistem em amar o pecado”. Sua narrativa biográfica é oferecida como uma forma de compartilhar “o caminho da restauração” e do “arrependimento” com outras pessoas, forma de atuação consoante com o proselitismo religioso evangélico. Filho de uma mãe católica e um pai alcoólatra, teve sua infância marcada por dificuldades financeiras no subúrbio do Rio. Vivia intensos conflitos no grupo doméstico, sendo ele e a mãe vítimas de agressão física e verbal pelo pai. Reporta ter sofrido experiências “abuso” e “sedução” aos sete anos de idade por homens mais velhos, vindo a desenvolver um “vínculo afetivo e emocional” com estes. Um evento, ocorrido nessa mesma época, é acionado como marco a partir do qual passou a “se apaixonar por pessoas do mesmo sexo”: trata-se da ocasião em que, ao brincar com uma chupeta de um “despacho de macumba”, quando passeava com sua mãe na rua, foram abordados por um homem vestido de preto, pelo qual passou a sentir “uma saudade profunda”. No início da adolescência passou a ter uma “aparência bastante feminina”, sendo “apalpado” por vizinhos que diziam não acreditar que ele fosse um menino. Nesta etapa da vida, recebia o “apelido” de “bicha” e era recorrentemente convidado a “transar” com colegas e homens casados do bairro. Aos 14 anos passou a freqüentar cinemas pornográficos e outros espaços de sociabilidade homossexual. Ainda na juventude, após receber através de um sonho a *revelação* de que *não fora criado por Deus para viver daquele jeito*, passou a lutar contra seus desejos homossexuais, referidos como “velha natureza” que “teimava” em permanecer. Posteriormente, ao contar para um pastor sobre suas “tentações”, “lembranças” e “conflitos”, recebe deste a ajuda para iniciar seu processo de “cura”. O autor do testemunho afirma que as “deformidades da alma” são vencidas “diariamente” com a ajuda de Jesus: trata-se de uma batalha contra si mesmo, que tem que ser travada a cada dia, para que se possa “viver com pureza e santidade nesse mundo que virou uma aldeia lasciva”. A narrati-

va encerra-se relatando a conversão da mãe do catolicismo para uma igreja evangélica e a libertação do pai do vício da bebida, comprovando o milagre que Cristo pode fazer por uma família.

Este, como outros *testemunhos*, evidencia uma percepção da diversidade sexual como comportamento não-saudável, "sintoma" de problemas espirituais e de seqüelas emocionais deixadas por experiências traumáticas na juventude. Paralelamente, evoca-se uma imagem da homossexualidade como risco para a sociedade, pela alusão à epidemia de HIV – um risco que a igreja teria o dever de denunciar. O "testemunho" do sujeito que é liberto do *pecado do homossexualismo* se revela uma forma de atuação em defesa da sociedade e da família, servindo de "exemplo" e "esperança" para estes pecadores. Permanecem como ideais o abandono das práticas homossexuais, o casamento heterossexual, a obtenção de prole, o estreitamento de vínculos na família de origem (associado à conversão religiosa ou a ação do poder de Deus na rede familiar) e engajamento missionário na "ajuda" a outros praticantes do "homossexualismo".

Semelhante ensinamento moral emerge na interação entre freqüentadores da *Arca Universal*. Este site, página oficial da Igreja Universal do Reino de Deus na Internet, contém fóruns e debates entre fiéis. Nessa forma de interação virtual, a discussão é iniciada a partir de um tema postado como uma pergunta motivadora. Há também textos publicados no periódico Folha Universal On Line – jornal da IURD em versão eletrônica – e da Arca News – sessão de notícias do site. O material coletado reflete, portanto, muito mais a visão dos fiéis do que das lideranças religiosas.

Na sessão "Arca Universal Café", um tipo de fórum virtual, a pesquisa localizou tópicos que abordavam diretamente a temática da orientação sexual. Uma pequena parte dos conteúdos localizados originou-se de tópicos a princípio desvinculados do tema, como "Você fala de Deus para as pessoas?" ou "Pastor tem que ser teólogo?". Nestes casos, bastava que alguém fizesse uma referência mínima à homossexualidade para que o assunto original fosse abandonado e uma discussão entusiasmada tivesse lugar.

No material analisado, os debates giravam em torno das origens da homossexualidade, das possibilidades de libertação e da atuação da igreja diante do *homossexualismo*. Para todos os fiéis que postaram na pági-

na da IURD, segundo a Bíblia, a homossexualidade é uma forma grave de “pecado”. Em várias mensagens, são citadas passagens do *Livro Sagrado* (Levítico, Sodoma e Gomorra, Romanos, Coríntios) que, explicitamente, condenariam a homossexualidade. Considerado um “problema espiritual” provocado pela atuação maligna de “demônios”, a homossexualidade é tida um comportamento que poderia ser “curado”. Algumas mensagens trazem pedidos ‘desesperados’ de orientação sobre ‘como agir’ quando se vivencia este desejo sexual:

Pelo amor de Deus, preciso da ajuda de vocês., pois tenho 28 anos, casado, dois filhos e desde criança sinto vontade de me relacionar com pessoas do mesmo sexo e como de fato já aconteceu. O problema é que sou evangélico há sete anos já. Passei uns anos sem me aproximar de pessoas com esses mesmos desejos. Hoje, sofro muito pois não sei como me libertar desse mal. Atualmente me relaciono com um evangélico também casado e estou sem saber o que fazer. Por favor, me ajudem. Não sei mais o que fazer. Vivo dia e noite só pensando nisso. E, não quero perder minha salvação.

Este texto desencadeia uma série de outras mensagens encorajando o remetente a se entregar para Jesus e entrar na *batalha* pela libertação:

No início, você se segura muito pra não fazer... tipo... você está morrendo de vontade de sair com alguém... mas você anda pela casa, bota louvor, vai orar de 5 em 5 minutos... embora esteja com muita vontade. Depois... as coisas vão começando a mudar... e você começa a se perguntar como você teve coragem de fazer aquilo tudo [estabelecer práticas homossexuais]... Depois você começa a passar pelos homens mais lindos da sua vida... e você já não sente absolutamente nada.

Todavia, não são incomuns os questionamentos sobre a possibilidade de uma pessoa se tornar um ex-homossexual. Uma fiel, assídua comentarista, observa que “não teria coragem de casar com alguém que já foi traveco (...) Mesmo depois de convertido, quem me garante que ele não vai dar uma recaída?”. O fragmento revela a percepção desta fiel de que o sujeito que “peca”

uma vez pode tornar novamente a pecar. O ex-homossexual é marcado pela condição ambígua de pecador "remido", que pode reincidir no erro: embora tomado como sinal do poder transformador de Deus, seu relato desperta também uma atenção e uma suspeita.

5. Considerações finais

Este discurso sobre a possibilidade de mudança (intencional) da homossexualidade à heterossexualidade exemplifica algumas respostas religiosas à diversidade sexual, evidenciando densas malhas de regulação da sexualidade presentes em perspectivas pastorais evangélicas. Algumas denominações religiosas tendem a operar através de mecanismos sociológicos de exclusão das pessoas LGBT¹². A estratégia da acolhida, contudo, não significa a suspensão do exercício do poder religioso sobre os homossexuais. Muito pelo contrário, ocorre uma intensificação do processo de sujeição cujo efeito esperado é a interiorização dos códigos religiosos e a adesão ao projeto de regeneração moral.

É preciso ter em mente que, a despeito da atuação de forças conservadoras, a religião é uma construção coletiva, uma rede de significados e práticas em processo contínuo de disputa e transformação¹³. Entre evangélicos, o surgimento de um grupo de igrejas e cultos voltados à população de gays, lésbicas e travestis, exemplifica a pluralização deste campo. Nessas iniciativas são formuladas justificações religiosas (baseadas em

12 A este respeito, observamos, na ampla pesquisa, o modo como sanções institucionais são aplicadas a estas pessoas em contextos religiosos. Destituições eclesiais, afastamento de cargos, exclusão do rol de membros, recomendações de exorcismos, aconselhamentos pastorais são exemplares destas formas de regulação (Duarte, Natividade e Oliveira, 2009). As medidas assinalam, muitas vezes, o caráter cosmológico implicado na percepção da homossexualidade, assentada em definições rituais de pureza e perigo (Mary Douglas, 1976: 139): homossexual (pecador) é visto como uma pessoa com poderes de poluição, que desenvolveu uma 'condição indevida', demandando controle e sujeição.

13 O fato de que a homofobia religiosa se revele enquanto uma forma de violência estrutural voltada à supressão da diversidade sexual não significa que não haja negociações, deslocamentos, questionamentos e desestabilizações nas esferas da experiência religiosa pessoal, da relação dos fiéis entre si e dos fiéis com lideranças locais. Embora estas dissidências possam, por vezes, se manifestar de forma velada no interior de um grupo ou denominação, em alguns casos alcançam uma relativa visibilidade ou mesmo institucionalização, como no caso das igrejas inclusivas.

releituras do texto bíblico) que interpretam o desejo por pessoa do mesmo sexo como parte do Plano de Deus (Natividade, 2009; Natividade e Oliveira, 2009). Os grupos “inclusivos” representam dissidências com relação à perspectiva hegemônica cristã que concebe o “homossexualismo” como “pecado” e/ ou “abominação”, interditando para seus praticantes o exercício de cargos eclesiais.

A atuação das igrejas inclusivas pode ser vista como forma de enfrentamento da homofobia religiosa, dado seu compromisso político (direto ou indireto) com a produção de significados positivos em torno da diversidade sexual. Nestes grupos, o exercício da homossexualidade é compatibilizado com um pleno engajamento na vida religiosa, de tal modo que gays e lésbicas podem legitimamente se tornar pastores/as, reverendos/as, presbíteros/as, obreiros/as, diáconos e diaconisas, tendo acesso ao poder eclesial. A hermenêutica inclusiva questiona o paradigma do pecado compreendendo as diferentes orientações sexuais como parte da natureza e criação de Deus.

Considerando o acima exposto, o artigo possibilitou conhecer um pouco mais sobre os modos como a sexualidade vem sendo construída em perspectivas pastorais evangélicas. Identificou a persistência de uma rejeição à diversidade sexual entre lideranças e grupos religiosos que sustentam uma fala sobre o *acolhimento* a pessoas gays e lésbicas. A máxima “acolher o pecador e odiar o pecado” é expressiva do modo como se conjugam homofobia, doutrinas religiosas, cosmologias, códigos de santidade, controle da sexualidade: qualificando as práticas homossexuais como pecado, promovem um reforço da vinculação entre sexo, reprodução, casamento e heterossexualidade. O repúdio à diversidade sexual, neste caso, apresenta-se como uma tentativa de supressão de formas de exercício da sexualidade dissonantes do modelo da *heterossexualidade compulsória* (Butler, 2003; 1993). O discurso evangélico em questão acolhe para ‘transformar’ e expurgar sexualidades e identidades consideradas indesejáveis, servindo para endossar a superioridade moral da heterossexualidade (Natividade e Oliveira, 2009). Os efeitos deste tipo de discurso na produção e reiteração de imagens negativas da homossexualidade devem ser compreendidos em termos de seus impactos na esfera pública e na privada. Dissociando o “pecador” do “pecado” o discurso sobre a acolhida opera sub-repticiamente com

juízos morais sobre pessoas LGBT: estas precisariam ser “transformadas” para alcançar a salvação – e a diferença que materializam, eliminada. Trata-se, efetivamente, de estratégias micro-políticas de resistência às transformações contemporâneas que ensejam a maior visibilidade da diversidade sexual. A análise sugere que os temas da liberdade e da escolha sexual constituem eixos e nódulos nos quais se atualizam tensões entre mudança e permanência neste cenário social, no entrecruzamento das dimensões da religião e da sexualidade.

Referências Bibliográficas

Austin, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. .

BECKER, Howard S. “Empreendedores Morais” in **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Bodies that Matter: on the discursive limits of “sex”**. London, New York: Routledge, 1993.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, L. F. D.; NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **Práticas religiosas e percepção sobre diversidade sexual entre católicos e evangélicos: relatório de pesquisa**. Rio de Janeiro/ Brasília: Associação para Estudos e Pesquisa em Antropologia (ASEPA/ MN/ UFRJ); Núcleo de Pesquisa Sujeito, Interação e Mudança (NuSIM/ MN/ UFRJ); Ministério da Saúde/ UNESCO, 2009.[mimeo]

FERNANDES, Rubem César et al. **Novo Nascimento: Os evangélicos em casa, na igreja e na política**. Rio de Janeiro: RJ, Mauad, 1998.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado), 257 fls. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAFRA, Clara. **Na Posse da Palavra. Religião, conversão liberdade pessoal em dois contextos nacionais**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

MARIZ, Cecília L. “Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperam de alcoolismo”. *In*: ANTONIAZZI, A. et al. (Orgs.). **Nem Anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1994.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Religião e diversidade sexual: um estudo sobre os direitos LGBT na Baixada Fluminense**. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2009.

—————. **Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGSA/ IFCS/UFRJ, 2008.

—————. Diversidade sexual e religião: a controvérsia sobre a cura da homossexualidade no Brasil. *In*: LIMA, Roberto Kant de. **Antropologia e Direitos Humanos 5**. Brasília/ Rio de Janeiro: ABA/ BookLink.

—————. “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 61. São Paulo: Edusc, 2006.

—————. “Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções”. *In*: **Religião & Sociedade**, v. 23, nº 1, Rio de Janeiro: RJ, ISER, p. 132-152, 2003.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares e LOPES, Paulo Victor L. Lopes. Os direitos GLBT e as respostas religiosas: da parceria civil à criminalização da homofobia. In: Duarte et al. **Valores religiosos e Legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares e OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**. n. 2. Rio de Janeiro: CLAM, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. & GOMES, Edlaine. Para além da Família e da Religião: Segredo e exercício da sexualidade entre evangélicos. **Religião e Sociedade**, v. 26, n. 2. Rio de Janeiro: ISER, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. & OLIVEIRA, Leandro de. "Religião e intolerância à homossexualidade: Tendências contemporâneas no Brasil". In: GONÇALVES, Vagner (org.). **Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: SP, Edusp, 2007.